



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
TURISMO E HOTELARIA**

**RAIANE CARVALHO VIVAS SAMPAIO  
TELMA REGINA DIAS DE SOUZA**

**FEIRA REGIONAL DO UMBU EM SENHOR DO BONFIM-BA:  
POSSIBILIDADE DE IMPLANTAÇÃO EM UMA ROTA TURÍSTICA**

**SALVADOR**

**2016**

**RAIANE CARVALHO VIVAS SAMPAIO  
TELMA REGINA DIAS DE SOUZA**

**FEIRA REGIONAL DO UMBU EM SENHOR DO BONFIM-BA:  
POSSIBILIDADE DE IMPLANTAÇÃO EM UMA ROTA TURÍSTICA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – DCH, Campus I, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Orientador: Professor Tadeu Bello

SALVADOR

2016

# **FEIRA REGIONAL DO UMBU EM SENHOR DO BONFIM-BA: POSSIBILIDADE DE IMPLANTAÇÃO EM UMA ROTA TURÍSTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Turismo e Hotelaria, à Banca Examinadora.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Tadeu Bello dos Santos - UNEB**

Especialista em Turismo (Faculdades Integradas Olga Mettig)

---

**Prof.<sup>a</sup> Emília Salvador Silva**

Mestra em Gestão Integrada de Organizações (UNIBAHIA)

---

**Prof. M<sup>a</sup>. Rosana Santana dos Reis**

Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFBA)

Aprovada em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, que não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa na minha vida e os meus irmãos pelo o apoio.

Aos colegas de curso pelas tantas tardes divertidas, apoio e incentivo.

A todos os professores do Curso de Turismo e Hotelaria da UNEB. Em especial ao Orientador Tadeu Bello, pela sua paciência e parceria nessa trajetória.

A Rafaela Nascimento por sempre estar presente e sempre apoiando.

Raiane Carvalho Vivas Sampaio

Inicialmente gostaria de agradecer a minha família, pelo amor carinho e compreensão, em especial a minha avó materna Eduarda Quintina da Silva (*in memorian*) pela sua força e determinação na sua trajetória de vida como mulher sertaneja. E aos meus primos queridos Aragua, Helder e Roni.

A Ana Cristina Ferreira da Silva, secretaria de Habitação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Senhor do Bonfim Bahia, pela sua contribuição por meio das informações e documentações cedidas para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores do Curso de Turismo e Hotelaria da UNEB, em especial ao meu orientador Tadeu Bello dos Santos pela sua parceria e contribuições na minha trajetória acadêmica. Ao professor Roberto Nunes Dantas, por ter me proporcionado um novo olhar sobre o semiárido Baiano.

A Rafaela Nascimento pelo seu companheirismo ao longo do curso.

Telma Regina Dias de Sousa

## RESUMO

O Município de Senhor do Bonfim é sede da Microrregião Homogênea 008 e da 208ª Região Administrativa do Estado da Bahia, da qual fazem parte também, Campo Formoso, Jaguarari, Andorinha, Antônio Gonçalves, Pindobaçu, Ponto Novo, Filadélfia, Itiúba e Umburana. Integra ainda a Região de Planejamento Nordeste (004) e a Região Econômica do Piemonte da Diamantina. Por via rodoviária dista 374 quilômetros da Capital do Estado. O método de abordagem escolhido para a realização da pesquisa foi o dedutivo. Como método de procedimento foram empregados os métodos histórico e comparativo. As técnicas e instrumentos utilizados na coleta de dados foram: questionários, entrevistas, levantamento bibliográfico e documentos. Acontece a cinco anos na região a Feira Regional do Umbu onde se reúnem mais de 120 grupos de agricultores da Agricultura Familiar, na qual são comercializados os mais variados tipos de derivados do fruto. A Feira começou em 2009 e já se encontra no seu quinto ano em 2016. A entidade que organiza e promove a Feira é o SINTRAF (Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Região), que segundo a sua diretora financeira a criação da Feira deve-se depois da constatação da grande produção do fruto proveniente do programa do governo federal o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PAE (Programa de Alimentação Escolar). O presente trabalho tem como objetivo torna a Feira Regional do Umbu como um novo elemento da oferta turística do município. Além da possibilidade da implantação de uma rota turística que pode levar ao desenvolvimento da região.

**Palavras-Chave:** Turismo, Rota Turística, Feira e Umbu.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Senhor do Bonfim	10
Figura 2: Umbuzeiro	28
Figura 3: Raízes e Xilopódios	32
Figura 4: Raiz	33
Figura 5, 6 e 7: Feira do Umbu	46
Figura 8: Mapa de Umburanas	51
Figura 9: Mapa de Cazumba	53
Figura 10: Mapa Salvador x Senhor do Bonfim	56

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cronologia das Políticas Públicas	21
Tabela 2: Infraestrutura	43
Tabela 3: Estrutura	44

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

APAs - Áreas de Proteção Ambiental

IBGE - Instituto Regional de Geografia e Estatística

CAFTPINE - Central das Associações da Agricultura Familiar do Território Piemonte Norte do Itapicuru

FETRAF - Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar

FNE - Fundo Constitucional de Desenvolvimento do Nordeste

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MMA – Ministério do Meio Ambiente

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PANAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

SINTRAF - Sindicato dos Trabalhadores Rurais

SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

UCs - Unidades de Conservação

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	10
1.1 PLANEJAMENTO DA PESQUISA	12
1.1.1 <b>Problema</b>	12
1.1.2 <b>Hipótese</b>	12
1.1.3 <b>Objetivo Geral e Específicos</b>	12
1.1.4 <b>Metodologia</b>	13
1.2 REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL	14
1.2.1 <b>Turismo, Rota turística, Feira, demanda turística e oferta turística</b>	14
1.3 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA	19
<b>2 CARACTERIZAÇÃO DO UMBUZEIRO</b>	20
2.1 Semiárido	20
2.1.1 Caatinga	23
2.1.2 Umbuzeiro	28
<b>3 CARATERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E SEUS ATRATIVOS</b>	37
3.1 Turismo na cidade de Senhor do Bonfim	40
3.1.1 Infraestrutura	43
3.1.2 Estrutura	44
<b>4 FEIRAS REGIONAIS DO UMBU EM SENHOR DO BONFIM-BA</b>	45
4.1 Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Senhor do Bonfim	45
4.1.2 Feira Regional do Umbu	45
<b>5 PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DOS DADOS</b>	47
5.1 Procedimentos e análise dos dados coletados	47
5.2 Proposta para implantação da Rota Turística em Senhor do Bonfim-Ba	55
<b>CONCLUSÃO</b>	57
<b>REFERÊNCIAS</b>	58
<b>APÊNDICE</b>	60

## 1 INTRODUÇÃO

Senhor do Bonfim- Ba é uma cidade que está localizada no norte baiano, na região do Piemonte Norte do Itapicuru, distante 376 km de Salvador. Está entre os mais populosos da Bahia, com cerca de 75 mil habitantes, e é também centro de confluência de uma região com mais de 360 mil habitantes. A cidade é considerada uma das mais belas e organizadas do interior baiano. Sede da 28ª Região Administrativa da Bahia, Bonfim está às margens da BR 407. Com clima temperado e altitude de 520 m, tem a temperatura média de 23 graus, podendo chegar a 12 durante o inverno. Localizado entre montanhas, o município, mesmo no Sertão, tem contato com o cerrado em algumas áreas, dando destaque para a reserva florestal do Grunga, onde é possível observar as belezas naturais do local. Região com características culturais peculiares, com notável riqueza natural, histórica e cultural. A produção artesanal é original e farta. Há uma grande variedade de pratos e bebidas típicas na culinária da região.

Figura 1: Mapa de Senhor do Bonfim



Senhor do Bonfim é uma cidade turística do estado da Bahia. Considerada a capital baiana do forró. Seu São João é uma festa mais que centenária e conhecida nos quatro cantos do país. O evento junino está entre os maiores da Bahia, é muito conhecido pela tradição cultural de seu povo. Além da potencialidade turística com seus recursos naturais, paisagísticos, históricos e culturais e agrega também uma ampla estrutura de serviços turísticos.

As riquezas são provenientes dos recursos ambientais como o agreste, o cerrado e em particular a caatinga. Na qual tem uma fruta nativa da região, o UMBU. Esta fruta vem proporcionando ao município uma importante interferência significativa na econômica da região com relação a sua produção e comercialização durante as realizações das Feiras Regionais do Umbu, na cidade de Senhor do Bonfim.

A Feira Regional do Umbu originou-se, segundo a Diretora de Habitação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Senhor do Bonfim (SINTRAF), após o levantamento da produção do fruto no município, através dos grupos produtivos que já comercializavam para PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PANAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar).

Desde então a Feira vem ocorrendo desde 2009. No seu primeiro ano, começou com uma pequena amostra e já foi um sucesso. A mesma contribuiu para o reconhecimento do seu potencial pela população bonfinense e o seu entorno. Aos poucos vários agricultores começaram a participar. Já em 2011 a feira trouxe novidades com variedades dos derivados da fruta. Em 2013 não houve a Feira devido à seca. Em 2014 a Feira teve como tema Convivendo com o Semiárido e Gerando Emprego e Renda. Em 2015 como tema; A Caatinga Produzindo e em 2016; Preservando a Natureza e garantindo a Vida.

A Possibilidade de criação da Rota Turística do Umbu em Senhor do Bonfim, surgiu pela nossa observação e estudos da importância da produção e comercialização do fruto na região. Que Segundo Manuel Bonfim (2007, p.104) é uma importante fruteira nativa e exclusiva do Nordeste brasileiro. E que segundo, DUQUE (1980, p 20), destaca que o incremento do cultivo dessa planta, de forma a ter uma exploração sistemática, proporcionaria aos pequenos agricultores, maior renda diante das incertezas das safras prejudicadas pelas irregularidades das chuvas que ocorrem na região.

Já Euclides da Cunha batizou o umbuzeiro como “**Arvore Sagrada do Sertão**”, em função de sua resistência a seca e principalmente pela importância alimentar e econômica para o sertanejo. (BOMFIM: 2007, P.110).

Além disso não foi constatado pelas autoras desse trabalho monográfico, nenhum estudo de reconhecimento do potencial turístico pela Secretaria de Turismo do município pela gestão atual.

## 1.1 PLANEJAMENTO DA PESQUISA

### 1.1.1 Problema

A produção e a comercialização do umbu pelos agricultores na Feira Regional do Umbu, pode se tornar um produto atrativo para a criação de uma rota turística em Senhor do Bonfim-Ba?

### 1.1.2 Hipótese

O umbu pode se tornar um produto atrativo para a criação da rota turística em Senhor do Bonfim-Ba, pela interferência significativa econômica da região, por sua importância e pela comercialização de seus derivados através da Feira Regional que se realiza no município há 5 anos.

### 1.1.3 Objetivo Geral e Específicos

#### OBJETIVO GERAL

Estudar a Feira e sua potencialidade enquanto recurso turístico e possibilidade para a implantação de uma rota turística em Senhor do Bonfim.

## OBJETIVOS ESPECIFICOS

- a) Caracterizar o município e destacar a produção do Umbuzeiro
- b) Identificar os elementos históricos e geográficos do município
- c) Identificar a demanda da oferta turística do município
- d) Caracterizar a FERIA Regional do Umbu em Senhor do Bonfim e avaliar sua potencialidade como promotor da atividade turística.
- e) Sugerir medidas a fim de viabilizar a implantação de uma rota turística do umbu

### 1.1.4 Metodologia

Segundo Lakatos (2003), todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências. Dessas afirmações podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos.

Assim, o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. (LAKATOS, 2003, p.83).

O método de abordagem escolhido para a realização da pesquisa foi o dedutivo. A pesquisa abordou inicialmente a produção, comercialização do umbu de forma geral, até chegar ao caso particular na cidade de Senhor do Bonfim- Ba, entre 2009 e 2014.

Como método de procedimento foram empregados os métodos histórico e comparativo. O método histórico tem em vista inserir o objeto estudado em um contexto da história, e foi utilizado na pesquisa uma vez que esta irá levar em

consideração a origem e evolução da produção e comercialização do umbu, a fim de compreender a sua comercialização ocorridos entre 2009 e 2014.

Já o método comparativo foi empregado uma medida em que a pesquisa visa comparar dados relativos a produção e comercialização do umbu em Senhor do Bonfim, com os dados destes em outras cidades.

As técnicas e instrumentos utilizados na coleta de dados foram: questionários, entrevistas, levantamento bibliográfico e documentos.

## 1.2 REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL

### 1.2.1 Turismo, Rota turística, Feira, Demanda turística e Oferta turística

O surgimento do turismo deve-se pela necessidade do homem de deslocar-se para fora do local de onde reside ou trabalha em busca de lazer. É um fenômeno social econômico e cultural.

Segundo Andrade (2001, p.38), Turismo é o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento.

Ainda de acordo com Andrade:

Turismo é o conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, e os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais. (Andrade, p.38, 2001)

Com base nas definições acima, turismo tem como premissa básica o deslocamento de pessoas com trocas de experiências, interação com a localidade, vivências e atividades culturais.

O aglomerado de bens e serviços gera o procedimento motivador e estimulador do progresso, pois o turismo, em suas múltiplas relações e informações, obedece a um exigente processo produtivo de bens de natureza econômica, bens esses que propiciam campo para uma grande variedade de serviços que propulsiona a divulgação de produtos de alta rentabilidade social e econômica.

### **a) DIFERENÇA ENTRE ROTA E ROTEIRO TURISTICO**

Por definição do Ministério do Turismo (2007, p.28), rota e roteiro turístico podem ser entendidos como:

Rota é um percurso continuado e delimitado cuja identidade é reforçada ou atribuída pela utilização turística, sendo considerado, neste Caderno, como um itinerário com base em um contexto histórico e/ou temático. Uma rota pode contemplar vários roteiros e perpassar várias regiões turísticas. Isto é, o turismo utiliza a história como atrativo para fins de promoção e comercialização turística.

Roteiro Turístico pode ser caracterizado como um itinerário constituído por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística. Um roteiro pode perpassar uma ou várias regiões e uma ou várias rotas – ele é eminentemente temático.

Na rota existe uma sequência na ordem dos destinos a serem visitados e possui um ponto de início e um ponto final. O roteiro, por sua vez, não exige uma sequência de visitação. É mais flexível, não possuindo um ponto inicial e um ponto final, obrigatoriamente. O turista começa a visitação de qualquer um dos destinos. Possui um caráter “circular”. Tanto a rota turística como o roteiro turístico são elaborados para fins de promoção e comercialização do turismo.

### **b) ROTA E ROTEIRO TURISTICO COMO ESTRATEGICA TURISTICA**

Para a criação da rota e de um roteiro turístico, é necessário que o local possua recursos turísticos, serviços e equipamentos turísticos e infraestrutura e serviços básicos. Pois com esses recursos é que podemos criar um produto turístico.

Desse modo a rota e o roteiro turístico entram como uma estratégia de comercialização e promoção do turismo. Uma vez que elaboradas elas se tornam atrativos para os turistas que iram saber o que fazer em determinada localidade e assim decidem o que fazer no período da viagem.

### **c) Feira**

A origem Feira é incerta, embora os historiadores afirmem a presença desse evento social desde 500 a.C., em algumas civilizações antigas, tal qual a fenícia, grega, romana, árabe.

Mais adiante, no fim da Idade Média (entre os séculos XI e XIV), os burgos (cidade medievais amuralhadas) representaram o local de origem das feiras medievais, de forma que se desenvolveram a partir da intensificação do comércio a partir do século XI, e mais adiante com o surgimento da burguesia e do crescimento demográfico. Anteriormente, os burgos representavam os centros religiosos e militares, propriedades dos senhores feudais.

Diante disso, as feiras foram se desenvolvendo sendo que esse fenômeno existe até os dias de hoje, em todas as partes do mundo. Nesse ínterim, observa-se que mesmo com o aparecimento das lojas, supermercados e shoppings, as feiras permanecem colorindo as pequenas e grandes cidades do mundo, reafirmando uma das mais antigas tradições do homem.

O termo “feira”, deriva do latim “*feria*” e significa dia santo, feriado ou dia de descanso, posto que os comerciantes, preocupados em vender o excedente da produção, se reuniam próximo das Igrejas aos domingos (dia do senhor) para comercializar seus produtos, já que eram os locais que apresentavam o maior fluxo de pessoas.

Que segundo GIACAGLIA (2003, P.42):

São eventos direcionados a segmentos específicos de mercado, têm duração média de uma semana e são organizados e comercializados por empresas especializadas no ramo. Normalmente ocorrem dentro de pavilhões de exposições, especialmente preparados para essa finalidade.

Como as feiras possuem organizadores próprios, decisões como escolha da data, local e mecanismos de divulgação, entre outras, ficam a cargo destes. Ao expositor cabe tomar decisões referentes ao respectivo espaço de exposição e à divulgação de sua participação e de seus produtos, serviços apresentados na feira.

No município de Senhor do Bonfim existem quatro feiras: duas fixas que são: feira orgânica que acontece toda quinta feira e a feira livre que ocorre sexta e sábado. E duas feiras sazonais: A feira do umbu e a feira da agricultura familiar.

#### **d) Demanda Turística**

A demanda turística formulada por (Marthieson e Wall 1993, apud, DIAS, 2013, p.52), considera que é o número total de pessoas que viajam ou decidem viajar, para desfrutar de instalações turísticas e de serviços em locais diferentes do local de trabalho ou da residência habitual.

E de acordo com (Ruiz e Armand 2002, p.93, apud, DIAS, 2013, p. 51) é constituída pelos turistas que estão motivados por adquirir determinados produtos e serviços turísticos que atenderão a suas necessidades de descanso, recreação, entretenimento e cultura durante o período de férias.

A demanda tem várias características de acordo com Dias elas são:

A Sazonalidade, que caracteriza-se pelo fato de que a demanda pelos produtos turísticos ocorre num determinado período de tempo, motivado por diversos fatores, entre os quais: clima, feriados, período de férias, realização de eventos, etc.

Concentração espacial há tendência nos destinos a uma concentração espacial da demanda motivada, entre outros fatores, pela própria promoção da localidade que se concentra em determinadas regiões. Como passar do tempo, a influência dos meios de comunicação informal, o assim chamado "boca a boca", promove o destino turístico quando aprovado. (Dias, p.54, 2003)

Logo essas características que vão determinar se o turista ou visitante vai para determinada localidade.

É importante identificar o motivo da visita do turista a localidade escolhida para sua viagem, pois assim pode-se identificar o comportamento do mesmo. Segundo a OMT 2000, classifica-se a motivo da visita por tipos de turismo em:

- a) Lazer, recreação e férias.
- b) Visita a parentes e amigos
- c) Negócios e motivos profissionais
- d) Tratamento de saúde
- e) Religiões/peregrinações
- f) Outros motivos

### **e) Oferta Turística**

Conjunto de produtos turísticos e serviços postos à disposição do usuário turístico num determinado destino, para ser desfrute e consumo. (OMT, 2001, p.43).

Segundo Beni 2001:

Conjunto dos recursos naturais e culturais que, em sua essência, constituem a matéria prima da atividade turística porque na realidade são esse recurso que provocam a afluência de turistas. A esse conjunto agregam-se os serviços produzidos para dar consistência ao seu consumo, os quais compõem os elementos que integram a oferta no seu sentido amplo, numa estrutura de mercado. (Beni, p.159, 2001)

O inventário da Oferta Turística do Projeto Inventário da Oferta Turística do Ministério do Turismo do Programa de Regionalização do Turismo- Roteiros do Brasil de 2006, consiste no levantamento, identificação e registro dos atrativos turísticos, dos serviços e equipamentos turísticos e da infraestrutura de apoio ao turismo como instrumento base de informação para fins de planejamento, gestão e promoção de atividade turística, possibilitando a definição de prioridades para os recursos disponíveis e o incentivo do turismo sustentável.

Segundo Petrocchi p.124, a estruturação da oferta turística é desencadeada por serviços imprescindíveis para o desenvolvimento e crescimento do produto turístico que se deseja implantar. Esses serviços devem ser preparados para receber o turista. São muitas variáveis que norteiam esse turismo além de sua

manutenção de forma permanente, visto que esses equipamentos precisam estar em perfeito estado de uso. O chegar ao destino os serviços norteadores como os serviços de informação, o bom estado das rodovias, folhetos de informação, bares, sanitários, transporte público adequado, mapas, folhetos informativos; os serviços de alojamento de apartamentos, hotéis, campings com sinalizações além dos serviços de reserva, recepção, informações sobre a região, com acesso aos pontos turísticos, estacionamento convencional, policiamento nas cidades, serviços de reserva de excursão e outros. A visão macro ambiental da localidade requer um diagnóstico planejado. Visando obter uma visão da situação atual e a qual se pretende implantar e como deverá ser administrada. Após serem feitos os levantamentos das Ofertas Turísticas da região temos uma visão global da real situação que se encontra o mesmo. Para serem feitas as devidas alterações pertinentes ao novo produto a ser explorado.

### 1.3 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

Quanto a estrutura do trabalho o primeiro capítulo corresponde a introdução, onde são apresentados: tema, problema, hipótese, objetivos, justificativa, metodologia de pesquisa, a caracterização do município, o turismo em Senhor do Bonfim-Ba, a demanda e oferta turística do mesmo, atrativos turísticos, a infraestrutura e a estrutura dos serviços turísticos.

O capítulo 2 caracteriza o umbuzeiro, Caatinga e semiárido.

O capítulo 3 descreve e caracteriza o município e seus atrativos

O capítulo 4 Feira Regional do Uumbu em Senhor do Bonfim, a história e importância do Sindicato dos Trabalhadores Rurais da região para as feiras realizadas. O capítulo 5 Procedimento e análise de dados e uma proposta para uma rota turística.

## 2 CARACTERIZAÇÃO DO UMBUZEIRO

### 2.1 Semiárido

O Brasil é um país com a extensão territorial de 8.514.876 km<sup>2</sup>. O território brasileiro é dividido em Regiões.

O órgão responsável pela divisão regional do território brasileiro é o Instituto Regional de Geografia e Estatística (IBGE) São estabelecidos critérios para compor estados em uma mesma região com semelhanças nos aspectos físicos, humanos, culturais, sociais e econômicos. São elas; Região Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sul e Sudeste.

A Região Nordeste é formada pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

“Nesta região está incrustado o Polígono das Secas, estabelecido pelo Decreto 175, de 1936, envolvendo toda área circunscrita nas isoietas de 800 mm baixa pluviosidade. Tendo ao longo do tempo algumas variações de área, sendo adotado pelo Dno a área de 1.084.000 km<sup>2</sup>. Em 1989, o FNE (Fundo Constitucional de Desenvolvimento do Nordeste) adotou, para efeito de financiamento, área um pouco menor, 882.000 km<sup>2</sup>, comprovadamente com maior incidência de s, o semiárido propriamente dito.” (R.B, Manuel. 40, p)

Segundo a SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), o Semiárido Nordestino, tem como traço principal as frequentes secas que tanto podem ser caracterizadas pela ausência, escassez, alta variabilidade espacial e temporal das chuvas.

Geo-ambientalmente além das vulnerabilidades climáticas do semiárido, grande parte dos solos encontra-se degradada. Os recursos hídricos caminham para insuficiência ou apresentam níveis elevados de poluição. A fauna e a flora vêm sofrendo ação predatória do homem. E os frágeis ecossistemas regionais não estão sendo protegidos, ameaçando a sobrevivência de muitas espécies vegetais e animais e criando riscos à ocupação humana. Inclusive associados a processos, em curso, de desertificação.

Desertificação é a degradação ambiental e socioambiental, particularmente nas zonas úmidas, semiáridas, e subsumidas secas, resultantes de vários fatores e vetores, incluindo as variações climáticas e as atividades humanas.

Tabela 1

## Cronologia das Políticas Públicas de Combate a Seca

Ano	Evento/Instituição	Governo
1909	Criado o IOCS, construindo 16 açudes	Nilo Peçanha
1918/22	Criado o IFOCS	Epitácio Pessoa
1915/19	Concluídas as represas começadas no Século XIX	Venceslau Brás / Delfim Moreira da Costa Ribeiro / Epitácio Pessoa
1920	Criada a Caixa de Socorro as Secas	Epitácio Pessoa
1922	60% da Paraíba é oficializada como área de seca	Epitácio Pessoa
1932/35	Campos de concentração / frentes de trabalho	Getúlio Vargas
1936	Delimitado o Polígono das Secas	Getúlio Vargas
1945	Criado o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca)	Getúlio Vargas / Eurico Gaspar Dutra
1946	Delimitado o Polígono das Secas / Criado o Banco do Nordeste	Eurico Gaspar Dutra
1951	Redelimitação do Polígono das Secas	Getúlio Vargas
1959	Criada a SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste)	Juscelino Kubitschek
1969	DNOCS constrói 8.299 poços	Governo Militar
1990	Fechado o DNOCS	Fernando Collor
2001	Fechamento da SUDENE e Criação da ADENE	Fernando Henrique Cardoso
2008	Reabertura da SUDENE	Luis Inácio Lula da Silva

Fonte: Elaborado por Ibrahim Soares, a partir de Villa (2000).

### Caracterização da Região Semiárida. (IBGE)

- . Precipitações médias anuais iguais ou inferiores 800mm.
- . Insolação média de 2.800 h/ano.
- . Temperaturas médias anuais 23 a 27 C.
- . Regime de chuvas marcada pela irregularidade (espaço/tempo).

- . Domínio do Ecossistema Caatinga (diversidade).
- . Solos, maioria, areno-argilosos – pobres em MO.
- . Cristalino – substrato dominante.
- . Limitações pluviométricas e baixa retenção dos solos = rios temporários.
- . Águas subterrâneas – bacias sedimentares ou cristalino, bacias sedimentares – boa vazão e qualidade.
- . 57,53% da área do NE e 40, 54 % da população do NE.
- . 21,6% do PIB do NE.

#### **Características principais da realidade atual. (IBGE)**

- . Pobreza, densidade, diversidade;
- . Gado, algodão, lavouras alimentares;
- . Agricultura familiar;
- . Urbanização/ retenção, economia sem produção;
- . Escassez abastecimento humano.

#### **Principais desafios a enfrentar. (IBGE)**

- . Demográfico (12,4 hab./km<sup>2</sup> em 70 e 21,6 em 2000);
- . Ambiental (diversidade, extrativismo, desertização);
- . Escassez de Água (acesso, demanda > oferta);
- . Econômico (transição urbana, agropecuária);

#### 2.1.1 Caatinga

#### Bioma Caatinga

A Caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro e é necessário a criação de políticas públicas para proteger esse patrimônio natural, na qual abriga uma diversidade de espécies ainda desconhecida por grande parte da população. E para proteger é preciso conhecer.

Segundo o (MMA) caatinga ocupa uma área de cerca de 844.453 quilômetros quadrados, o equivalente a 11% do território nacional. Engloba os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe e o Norte de Minas Gerais. Rico em biodiversidade. Cerca de 27 milhões de pessoas vivem na região, a maioria carente e dependente dos recursos do bioma para sobreviver. A caatinga tem um imenso potencial para a conservação de serviços ambientais, uso sustentável e bi prospecção que, se bem explorado, será decisivo para o desenvolvimento da região e do país. A biodiversidade da caatinga ampara diversas atividades econômicas voltadas para fins agrosilvopastoris e industriais, especialmente nos ramos farmacêuticos, de cosméticos, químicos e de alimentos.

O nome caatinga é de origem Tupi-Guarani e significa „FLORESTA BRANCA” que caracteriza bem o aspecto da vegetação da estação seca, quando as folhas caem (Albuquerque & Bandeira, 1995) e apenas os troncos e brilhosos das árvores e arbustos permanecem na paisagem seca.

As caatingas semiáridas, comparadas a outras formações brasileiras, apresentam muitas características extremas dentre os parâmetros meteorológicos: a mais alta radiação solar, baixa nebulosidade, a mais alta temperatura média anual, as mais baixas taxas de umidade relativa, evapotranspiração potencial mais elevada, e sobretudo, precipitações mais baixas e irregulares na maior parte da área, a um período curto no ano. (Reis, 1976).

A caatinga é uma associação de plantas com aspecto seco, com árvores e arbustos unidos, dotados de espinhos, de folhas cárdicas, caules retorcidos, porte baixo, com subvegetação de macambira e caroá.

As espécies que compõem uma caatinga variam conforme esteja ela em altitude alta ou baixa, em solo arenoso sedimentar ou de origem arqueana.

As plantas que mais caracterizam a caatinga são: o umbuzeiro (*Spondia tuberosa*), a barriguda (*Chorizia ventricosa*), o icó (*Capparis lico*), a baraúna (*Schinus brasiliensis*) o faveleiro (*Cnidoculus phyllacanthus*), o pau ferro (*Caesalpinia férrea*, Mart); na caatinga da Bahia aparecem também, o licuri (*Syagrus coronata*, Mart) e a camaratuba (*Cratylia mollis*); na caatinga litorânea do Ceará e R. G Norte a carnaubeira (*Copernicia cerifera*) também uma palmeira do sertão; as cactáceas comuns na caatinga são as *Opuntias*, os *Cereus*, os *Pilocereus*, os *Cephalocereus*; a vegetação rasteira, que cobre o chão da caatinga, é formada principalmente pela macambira (*Bromelia laciniosa*, Mart) e o caroá (*Neoglaziovia variegata*). (DUQUE, 1980).

Apesar de seu valor econômico, ambiental e social, o bioma tem enfrentado sérios problemas como; desmatamento, exploração de madeiras, queimadas, extração da mata nativa em substituição de espécies vegetativas nativas para pastagens, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente Brasil, 2016.

No tocante às Unidades de Conservação (UC) federais, em 2009 foi criado o Monumento Natural do Rio São Francisco, com 27 mil hectares, que engloba os estados de Alagoas, Bahia, e Sergipe e, em 2010, o Parque Nacional das Confusões, no Piauí foi ampliado em 300 mil hectares, passando a ter 823.435,7 hectares. Em 2012 foi criado o Parque Nacional da Furna Feia, nos Municípios de Baraúna e Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, com 8.494 ha. Com estas novas unidades, a área protegida por unidades de conservação no bioma aumentou para cerca de 7.5%. Ainda assim, o bioma continuará como um dos menos protegidos do país, já que pouco mais de 1% destas unidades são de Proteção Integral. Ademais, grande parte das unidades de conservação do bioma, especialmente as Áreas de Proteção Ambiental – APAs, têm baixo nível de implementação. (Ibid).

Paralelamente ao trabalho para a criação de UCs federais, algumas parcerias vêm sendo desenvolvidas entre MMA e os estados desde 2009, para a criação de unidades de conservação estaduais. Em decorrência dessa parceria e das iniciativas próprias dos estados da caatinga, os processos de seleção de áreas e de criação de UCs foram agilizados. Os primeiros resultados concretos já aparecem, como a criação do Parque Estadual da Mata da Pimenteira, em Serra Talhada-PE, e da

Estação Ecológica Serra da Canoa, criada por Pernambuco em Floresta-PE, com cerca de 8 mil hectares. (Ibid).

Em contrapartida, a Caatinga ainda carece de marcos regulatórios, ações e investimentos na sua conservação e uso sustentável. Para tanto algumas medidas são fundamentais; a publicação da proposta de emenda constitucional que transforma caatinga e cerrado em patrimônios nacionais; a assinatura do decreto presidencial que cria a Comissão Nacional da Caatinga; a finalização do Plano de Prevenção e Controle do Desenvolvimento da Caatinga; a criação das Unidades de Conservação prioritárias, como aquelas previstas para a região do Boqueirão da onça , na Bahia, e Serra do Teixeira, na Paraíba, e finalmente a destinação de um volume maior de recursos para o bioma. (Ibid).

#### Região Xerófila

O Semiárido do Estado da Bahia são 320.000 km<sup>2</sup> de caatinga pura. É a maior representação das plantas xerófilas em todo o mundo, nos seus diversos agrupamentos fitológicos, das mais variadas essências vegetais. (Duque, 1980)

É uma região de baixa pluviosidade, igual ou inferior a 600mm/ano, onde se situa a maior aridez do Semiárido, com período de chuvas limitado entre novembro e março, com poucas variações.

É importante observar, que quanto mais ocupada a terra com culturas diversas de sequeiro melhor fica o campo para a produção de mel, porque haverá mais flores, mais néctar e mais pólen. Melhor fica, também, a produção das culturas agrícolas porque ocorre, em maior intensidade, a polinização entomófila cruzada, gerando mais flores, gerando mais fruto, gerando mais sementes. É uma interação completa e altamente positiva, explorando e beneficiando melhor a potencialidade da terra.

O xenofilismo, no Nordeste, é próprio e peculiar. É único no mundo inteiro. Estes vegetais possuem reservas alimentícias nas raízes, nutrientes e água para manter e reconstruir o seu corpo vegetativo. É a flora tropófila que renasce a cada quadra de chuvas.

#### Fauna e flora da caatinga

A flora da caatinga tem características peculiares, apresentando uma estrutura resistente e adaptada às condições áridas, por isso são chamadas xerófilas, ou seja, adaptadas ao clima seco e à pouca quantidade de água. A vegetação é formada por três estratos: o arbóreo, com árvores de 8 a 12 metros de altura; o arbustivo, com vegetação de 2 a 5 metros; e o herbáceo, abaixo de 2 metros. De acordo com dados do Ministério do Meio Ambiente Brasil, 2016, 932 espécies vegetais ocupam os solos da Caatinga, das quais 318 são endêmicas, sendo as bromélias e os cactos as principais famílias de plantas da região. A sapiência da natureza proporcionou às espécies folhas miúdas, cascas grossas e hastes espinhentas que são adaptadas à evapotranspiração intensa. As plantas ainda têm a especificidade de possuir raízes tuberosas para armazenamento de água, possibilitando a rebrota da planta mesmo após longos períodos de falta de água ou mesmo intervenções humanas. Mandacaru, xique-xique, barriguda e umbuzeiro são algumas das espécies com grande capacidade de armazenamento de água. Há ainda uma vasta lista de plantas medicinais como a catingueira, o jerico e o angico.

A Caatinga ainda abriga espécies raras e de grande valor como o ipê roxo, o cumaru, a carnaúba e a aroeira, a qual está ameaçada de extinção. Nos períodos chuvosos, espécies de plantas herbáceas se abrem em flor, dentre as quais a malva, a malícia e a flor de tijirana.

As singularidades da Caatinga resultam em uma fauna diversa composta por mais de 800 espécies animais. Já foram registradas 148 espécies de mamíferos, 510 de aves, 154 de répteis e anfíbios e 240 de peixes. Este é o habitat do preá, da asa branca e o do tamanduá-mirim. Adaptar-se às condições climáticas do bioma é a principal estratégia de sobrevivência de plantas e animais, a exemplo dos anfíbios, que procuram abrigo em bromélias, se enterram e saem nos períodos chuvosos. Os invertebrados compõem um grupo especial, vasto e pouco conhecido. Eles são a base da cadeia alimentar no bioma, polinizam as plantas e servem de alimento para anfíbios, répteis, aves e pequenos mamíferos.

A Caatinga ainda abriga seis espécies de felinos: a onça-pintada, onça-parda, jaguatirica, gato-do-mato-pequeno, gato-maracajá e gato-mourisco. No, entanto, a exploração humana e o manejo inadequado da terra afetam sobremaneira esta rica

fauna. Inúmeras espécies se encontram ameaçadas de extinção, como a onça-parda, o tatu-bola e o soldadinho do Araripe.

### População da caatinga

As populações que habitam o bioma são também conhecidas como catingueiros: são sertanejos, vaqueiros, agricultores, populações indígenas e quilombolas, sendo berço de comunidades tradicionais como os índios Tumbalala, os Pankararu, e dos quilombolas de Conceição das Crioulas. Estes grupamentos humanos desenvolvem suas próprias estratégias de sobrevivência com as condições da Caatinga, são guardiões do conhecimento sobre o manejo das plantas, de suas propriedades e usos medicinais, sobre a milenar técnica de busca de águas subterrâneas com varinhas (conhecida como radiestesia) e sobre os sinais da natureza que antecedem as secas prolongadas e as chuvas.

### Ameaças da caatinga

Infelizmente, a Caatinga é um dos biomas mais degradados do país, concentrando mais de 60% das áreas susceptíveis à desertificação. Historicamente, esta região vem sofrendo com a ausência de práticas de manejo do solo e com a monocultura e pecuária extensiva, além de inúmeras queimadas. Atualmente, as principais causas de desmatamento estão associadas à extração de mata nativa para a produção de linha e carvão vegetal destinado às fábricas gesseiras e para a produção siderúrgica. Tal impacto é sentido na fertilidade do solo, na extinção de espécies da fauna e flora e, conseqüentemente, na piora da qualidade de vida da população. Essas práticas já levaram à devastação de 45 % deste bioma.

Apenas 7,8% do território da Caatinga está protegido por Unidade de Conservação, sendo que somente 1,3% da área é coberta por unidades de proteção integral. Isto é sintomático da dificuldade do Estado brasileiro de cumprir a Convenção Internacional de Diversidade Biológica, da qual o país é signatário, e que tem como meta nacional a manutenção de, no mínimo, 10% de áreas conservadas. A solução encontrada tem sido o estabelecimento e manutenção de parcerias privadas como as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN), as quais correspondem a 35,6% das Unidades de Conservação na Caatinga. Tais reservas

visam à conservação da diversidade biológica, possibilitando o desenvolvimento de pesquisas científicas e visitação turística.

As experiências das populações tradicionais e agricultores familiares que vivem na Caatinga e investem num manejo diferenciado e sustentável do solo têm demonstrado que é possível a convivência com as características da região, com cultivo variado e a criação de animais saudáveis. Frutas, legumes, raízes in natura beneficiados são produzidos e utilizados para consumo familiar e geração de renda.

### 2.1.2 O Umbuzeiro

#### a) Origem

Os primeiros relatos da existência do umbuzeiro datam da época da colonização. A primícias é de Gabriel Soares de Souza, quando o cita no seu Tratado Descritivo do Brasil. Três séculos se passaram até a sua descrição científica, a cargo de Manuel de Arruda Câmara, que o classifica como espécie *Spondias tuberosa*, da família Anacardiáceas. (MENDES,1990).

Figura 2: Umbuzeiro



Fonte: Embrapa

#### b) A produção no umbu no Brasil

Estados produtores de todo umbu produzido no Brasil, 99,7% são advindos do Nordeste, sendo o Estado da Bahia responsável por 86,4%, Pernambuco com 6,5% e Rio Grande do Norte com 2,8%. O restante da produção é proveniente da

Paraíba, Ceará, Minas Gerais e Piauí. Cabe esclarecer que a maior parte dos lucros advindo do umbu acaba por ficar nas mãos dos atravessadores. Políticas públicas que incentivem a industrialização dos frutos podem incrementar a renda média das famílias que dependem do extrativismo do umbu na época de coleta. O governo da Bahia vem tentando, sem grande sucesso, por meio da EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola) programas que visem à agregação de valor e melhoria da renda das famílias das áreas de coleta. Entre esses programas, destaca-se a distribuição de mudas enxertadas, de potencial produtivo comprovado e com características dos frutos que agradam aos consumidores.

#### c) Significado do nome

A palavra imbu e a variação umbu têm origem no tupi-guarani “y”m“bu”, que significa “árvores que dá de beber” em alusão à água contida nas túberas, que era consumida pelos índios que habitavam as caatingas. Também chamado de ombu, ambu e giqui. No idioma inglês, é conhecido por brazilian-plum. (Corrêa,1978).

A diversidade biológica, principalmente na flora, as várias formas de manifestações culturais e até mesmo os diferentes microclimas fazem do Semiárido Brasileiro uma região extremamente rica e com grande potencial para o desenvolvimento Sustentável (SANTOS ET AL, 2007). Entre tantas se encontra atualmente a cultura e extrativismo do umbuzeiro.

Informações da planta;

Nome científico: *Spondias tuberosa* Arruda

Família: Anacardiaceae

Nomes vernaculares: é também conhecido como: imbu, imbuzeiro, umbu e umbuzeiro.

#### d) Ocorrência; Distribuição geográfica

É originário do semiárido do Nordeste brasileiro. Está presente nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e norte de Minas Gerais.

O Umbuzeiro é uma planta típica do Sertão e do agreste, e tem sua origem no Brasil, precisamente na região Semiárida Nordestina. Cresce espontaneamente nas regiões do Cariri paraibano, no planalto, sobre a Serra da Borborema, nas Serras do Seridó norte-rio-grandense, no Agreste piauiense, no norte do Estado de Minas Gerais e nas Caatingas, baiana, alagoana e pernambucana, onde ocorre a maior concentração da planta. (Mendes, 1990; Lorenz, 1992).

#### e) Informações ecológicas

É uma espécie heliófila, tendo preferência por regiões de precipitações entre 400 e 800 mm anuais (podendo viver em locais com chuvas de 1.600 mm/ano), temperatura entre 12°C e 38°C, umidade relativa do ar entre 30% e 90% e 2000 a 3000 horas de luz solar/ano.

O seu xenofilia e alta resistência a prolongados períodos de estiagem são devidos a um conjunto de estratégias e mecanismos de adaptação. A planta derruba as folhas no período seco sazonal e exerce controle sobre a transpiração pelo fechamento dos estômatos das folhas nas horas mais quentes do dia, promovendo acentuada economia de água em seu interior. A água e os nutrientes contidos nas túberas de seu sistema radicular são também fatores auxiliares nas estratégias de adaptação à seca em plantas novas.

O umbuzeiro vegeta em solos argilo-silico-argilosos, nem sempre profundos, sendo fácil ser encontrado em solos muito rasos e produzindo bem. As aluviões são ótimas para esta espécie.

Onde o umbuzeiro ocorre é comum encontrar-se, por exemplo, a imburana (*Commiphora leptophloea*), o faveleiro (*Cnidocolus* spp.), a bariguda (*horisiventricosa* Nees & Mart), o icó (*Capparis yca* Mart), a baraúna (*Schinopsis brasiliensis*), o licuri (*Cocos coronata* Mart) e outras próprias do mesmo habitat. Floresce, quase sempre, um pouco antes das primeiras chuvas, quando ainda sem

folhas, ou pode iniciar-se após as primeiras chuvas, independentemente da planta estar ou não enfolhada.

#### f) Descrição

##### Hábito de crescimento

Árvore de crescimento lento, podendo chegar 7m e 0,20 a 1 m de diâmetro (DAP). Sua copa é esgalhada, multiramificada, densa, baixa, de ramos tortuosos e cobertos de abundante folhagem, expandindo-se até 15 m de diâmetro.

Perde totalmente as folhas durante a época seca, revestindo-se após as primeiras chuvas.

##### Fruto

Os frutos são carnosos, do tipo drupa. São glabros ou levemente pilosos, de forma arredondada a ovalada, cor amarelo-esverdeada quando maduros. Com 2 a 4 cm de diâmetro e pesando de 10 a 20 gramas. Apresentam superfície lisa, ou exibem quatro a cinco pequenas protuberâncias na porção distal. O fruto do umbuzeiro é constituído, em média, por 22% de casca, 68% de polpa e 10% de caroço. O epicarpo (casca) é fino e de cor amarelo-esverdeada. O mesocarpo (polpa) é branco-esverdeado, mole, succulento, de sabor agridoce muito agradável, tendo no centro um endocarpo (caroço), que é de tamanho variado e contém a semente propriamente dita. O endocarpo é muito resistente e formado por três camadas. Quando verde, o fruto tem 33,3 mg de ácido ascórbico (Vitamina C) e, quando maduro, sua concentração é de 14,2 mg por 100 cm<sup>3</sup>. Contém também vitaminas A e do complexo B e é rico em proteínas, carboidrato, minerais e amido.

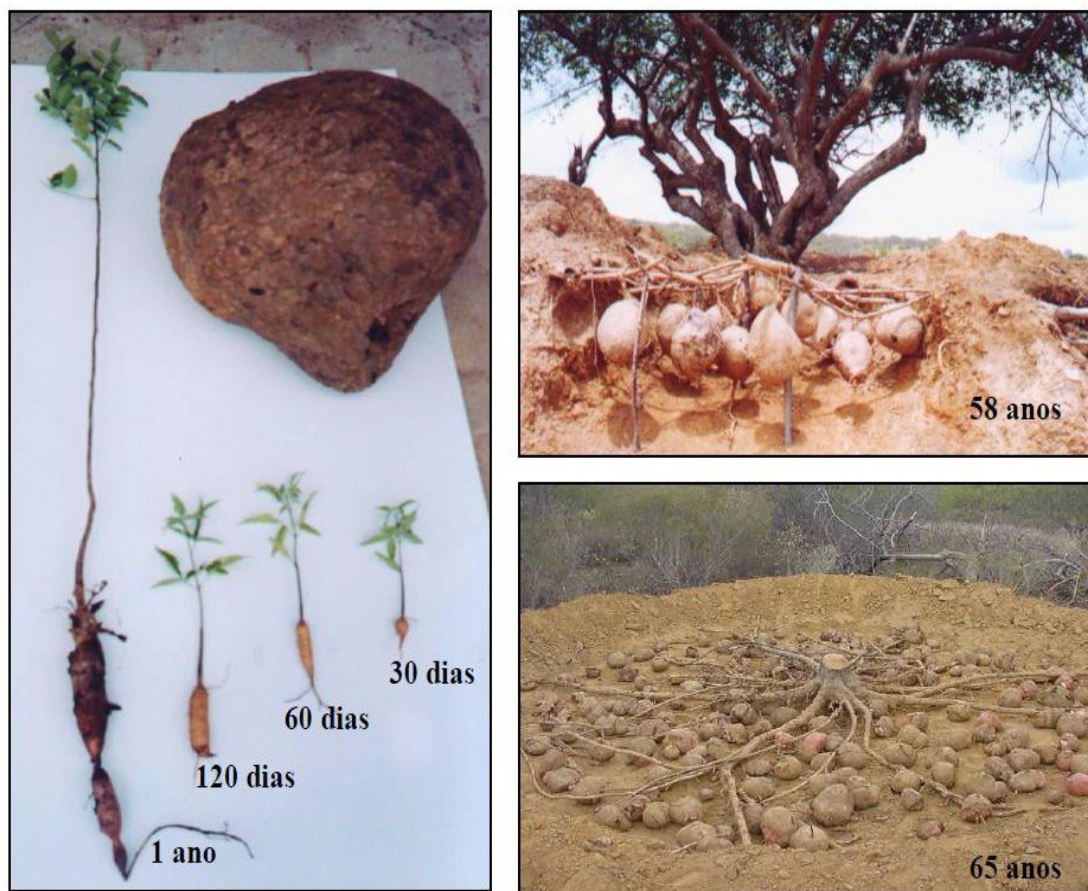
##### Raiz

As raízes são superficiais, porém, muito desenvolvidas, ficando concentradas na camada que vai até 1m de profundidade. Possuem órgãos de reservas denominados xilopódios ou túberas que são estruturas intumescidas, de consistência esponjosas, arredondadas, escuras, com cerca de 20 cm de diâmetro

e 1 a 4kg de peso em plantas adultas. São constituídas por tecido lacunoso, celulásico e cheio de água. Às vezes estas estruturas são alongadas, medindo aproximadamente 50 cm de comprimento. A casca dessas intumescências é escura e se interior esbranquiçados.

Aspectos das raízes e xilopódios de uma planta do umbuzeiro.

Figura 3: raízes e xilopódios



Fonte: Nilton de Brito

Há uma grande variabilidade entre as plantas quanto o número de xilopódios, apresentando uma variação de 46 xilopódios para planta com 2 a 3 anos de idade até 2.025 túberas para planta com idade estimada de 70 a 100 anos. Em plantas muito velhas, há uma redução significativa do número de xilopódios. Este fato pode ocorrer devido o maior desenvolvimento do sistema radicular destas plantas. (LIMA, Vanderlei Araújo)

Raiz - Batata, túbera ou xilopódio do umbuzeiro

Figura 4: Raiz



Fonte: Nilton de Brito

### Frutífero

O principal uso dos frutos é o consumo na forma de fruta fresca. Os mesmos são também processados para obtenção de diversos produtos. Um dos mais apreciados no semiárido do Nordeste é a umbuzada uma bebida feita a partir de frutos verdes ou de vez cozinhados para extração da polpa, à qual é adicionado leite e açúcar. A polpa fresca ou congelada tem ampla aceitação nos mercados regional e nacional para confecção de suco. É também usada misturada a bebidas (batida), no preparo de gelatinas, licores, sucos engarrafados, doces, geleias, vinho, vinagre, azeitona, concentrado para sorvete passa (fruto seco ao sol).

O aproveitamento dos frutos por comunidades rurais do Nordeste do Brasil vem sendo mais bem difundido graças a tecnologias inovadoras e apropriadas para o pequeno produtor rural e à interação sinérgica entre a EMBRAPA Semiárido, entidades de desenvolvimento local e organizações populares, com benefícios para a economia e a integração regional.

## Medicinal

A água acumulada nas túberas presta-se ao combate de verminoses e da disenteria. A casca do tronco e dos galhos é utilizada pelo sertanejo no combate às diarreias, blenorragias, hemorroidas, afecções da garganta e outros males.

## Manejo

Propagação/obtenção de mudas do umbuzeiro pode ser feita através da semente de estacas ou de enxertia. A propagação via estaca ou enxertia, a partir de plantas selecionadas, permite a obtenção de pomares com indivíduos que apresentam características de produtividades e qualidade de frutos desejadas pelos agricultores. A propagação por sementes propicia a conservação, da variabilidade genética da espécie.

## Principais Pragas e Doenças

Existem diversos relatos de insetos associados ao umbuzeiro, mas não há registros de nenhum que possa ser considerado uma séria ameaça, pelo menos dadas às condições atuais das populações de umbu, onde não há uma concentração excessiva de plantas que pudessem favorecer surtos de pragas. Associadas às folhas estão a mosca-branca. (*Aleurodidis cocois curtis*, 1846), a lagarta-de-fogo (*Megalopyge lanata* Stoli-Cramer, 1780), a vaquinha-patriota (*Diabrotica SPECIOSA* Ger, 1824) e o mané-mago (*Stiphra algarobae*); aos frutos, a abelha-irapuã (*Trigona* spp) e a cochonilha-de-escama-de-farinha (*Pinnaspis* spp), que também se alimenta em ralos tenros. O cupim (*Cryptotermes* spp) pode causar prejuízos maiores, inclusive acarretando a morte da planta, mas a sua ocorrência não é generalizada. Problemas com microrganismo parecem pouco significativos. A verrugose, ocasionada pelo fungo *Elsinoe* spp. Provoca em ramos, folhas e frutos manchas de tecido encharcado e deprimidas, que depois se apresentam como lesões corticosas, salientes e de coloração escura. A septoriose, ocasionada por *Septoriasp*, provoca manchas necróticas, superficiais, circulares, de coloração cinzenta com pontuações negras. Quando muito atacadas por esse fungo as plantas perdem as folhas. Ambas doenças, caso ofereçam danos acentuados podem ser

controladas pela aplicação de soluções contendo micronutrientes (calda bordaleza), e calda viçosa) que ajudam a restabelecer a resistência das plantas e afetam diretamente esses, microrganismos. Podar galhos secos e doentes, retirá-los da área e enterrá-los é uma boa medida preventiva que evita a disseminação de possíveis pragas e doenças. (Pereira, Sidclay Carneiro, livro Plantas úteis do Nordeste do Brasil,2003).

### O Extrativismo do Umbu

A coleta dos frutos de umbu geralmente é feita subindo pelo tronco, coletando os frutos entre os galhos das árvores a mão, sem derrubar os frutos no chão. A retirada dos frutos dos galhos das árvores é feita com um gancho de madeira para abaixar os galhos mais altos, conhecido como “coli”. Bolsas artesanais de estocagem servem para transportar os frutos da mata até a casa, como “aió” (bolsa indígena de fibras de croá - *Neoglaziovia variegata*), “bogó” (bolsa feita de sisal - *Agave sisalana*), sacos ou baldes plásticos

Existem critérios na escolha dos frutos para a coleta. Os extrativistas geralmente procuram por frutos “de vez”, que ainda não estão maduros, que são selecionados pelo tamanho para facilitar o acondicionamento e o transporte. Se o fruto colhido for para consumo, os extrativistas selecionam os umbuzeiros com frutos maiores, mais doces e que normalmente estão localizados nas roças próximas às moradias. A coleta é realizada pela família, e em algumas comunidades rurais principalmente por mulheres. Em alguns casos, as coletoras de umbu não levam qualquer mantimento para alimentação durante a coleta, uma vez que os próprios frutos colhidos são consumidos durante o trabalho da colheita, e apenas uma garrafa de água é transportada durante a caminhada. Os extrativistas do umbu caminham longas distâncias dentro da Caatinga e seguem as trilhas deixadas pelos animais para a procura das árvores. Os frutos são transportados para casa por bicicletas, motos ou tração animal.

O acesso às árvores de umbu e aos seus frutos se dá em áreas próximas às casas, nos quintais, nas roças dos agricultores e nas áreas de Caatinga mais afastadas. Nas áreas familiares, o acesso só é permitido à família e geralmente os frutos são para consumo próprio e para os animais domésticos. Também são utilizadas para coleta áreas de uso comum, conhecidas no Norte do estado da Bahia como “fundos de pasto” ou “fecho de pasto”. São antigas áreas devolutas que têm

sido objeto de regularização de títulos pelas associações comunitárias como reservas de pastagem e que fazem parte do patrimônio coletivo de comunidades rurais. Em diversas propriedades particulares próximas às comunidades, as áreas são cercadas e possuem placas como “proibido tirar umbu nesta área”. Nestas propriedades, os donos são geralmente empresários de outras regiões e a proibição de coleta muitas vezes gera conflitos

#### A Importância social e econômica do umbuzeiro

O umbu é considerado um símbolo de resistência cultural pelos agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais da região semiárida, principalmente pelo significado sagrado e por reservar água em suas raízes em períodos de seca. A prática de coleta dos frutos é uma atividade cultural passada de geração em geração e começa desde a infância por influência de pais e avós. Os seus frutos são muito utilizados nas áreas rurais do Nordeste como base alimentar e econômica, complementando a renda geralmente gerada com o cultivo de culturas de sequeiro, como milho, feijão e mandioca, e a criação de caprinos e ovinos. Os primeiros moradores do sertão, os índios, utilizavam as “batatas” dos umbuzeiros para curar doenças e os frutos para alimentar-se. As “batatas” muitas vezes são utilizadas pelos vaqueiros do sertão para matara sede nas suas jornadas na Caatinga. Elas possuem propriedades medicinais e são muito usadas na medicina caseira para o tratamento de diarreias e no controle de verminose. O suco das raízes do umbuzeiro é uma bebida saudável, que proporciona ao sertanejo doses apreciáveis de sais minerais e de vitaminas, principalmente de vitamina C. Desde os primeiros tempos da colonização, o povo da região atribui efeito curativo ao suco da raiz nos casos de escorbuto, doença que tem como sintomas hemorragias nas gengivas em decorrência de carência grave de vitamina C na dieta alimentar.

### 3 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E SEUS ATRATIVOS

Breve histórico

a)

Segundo (MACHADO, 1993. P.11) a história da formação de Senhor do Bonfim está diretamente relacionada à busca de ouro e pedras preciosas e à introdução da criação de gado no sertão baiano. Em fins do século XVI, portugueses pertencentes à Casa da Torre, organizavam expedições com destino ao rio São Francisco e às minas de ouro de Jacobina, iniciando a ocupação do interior da província e a formação de vias de comunicação com o litoral.

Situado em zona de passagem dessas expedições, estabeleceu-se no território do atual Município uma rancharia de tropeiros no século XVII, servindo de pouso para vaqueiros, bandeirantes e desbravadores que transitavam naquela Região. Na mesma época, dentro da estratégia de catequese das populações indígenas, foi criado o arraial da Missão do Sahy a partir de 1697, dirigido pela Ordem dos Frades Menores ou Ordem dos Padres Franciscanos. No Arraial, estabelecido nas proximidades de uma aldeia pataxó, foram construídos convento e igreja sob invocação de Nossa Senhora das Neves. Em 1720, o arraial do Sahy passou à categoria de Vila, sediando a comarca de Jacobina até 1724, quando a sede foi transferida para a Vila de mesmo nome. (Ibid)

Com o crescimento da atividade pecuária, a expansão das pastagens, e o conseqüente avanço da ocupação do sertão baiano, formou-se uma povoação ao redor da antiga rancharia, às margens da estrada das Boiadas. Em 1750, o núcleo contava com várias edificações e com população estabelecida, recebendo a denominação de arraial de Senhor do Bonfim da Tapera. O Arraial, além de rota para a penetração no território, destacava-se como importante núcleo, desenvolvendo-se com base em atividades ligadas à criação de gado. As riquezas minerais da Região, além da localização privilegiada do Arraial, atraíam grande número de tropeiros, aventureiros e peões vindos de outras partes da Bahia e do Nordeste, dificultando o controle e a ordem na localidade. O município criado em 1776 por força de Carta Régia, para solucionar os constantes problemas que surgiam em 1799 com a população local que chegava a 600 pessoas – requereu ao governo da Província a criação da Vila, solicitação que foi atendida no mesmo ano

com a instalação da Vila Nova da Rainha em primeiro de outubro. Oitenta e seis anos mais tarde, a Vila foi elevada à categoria de Cidade, pela Lei Provincial nº 2.499 de 28 de maio de 1885, tendo seu topônimo modificado para Bonfim. Em 7 de janeiro de 1887, foi criado o Município, com a mesma denominação, qual foi alterada somente em 1943, através do Decreto Lei nº 141 de 30 de dezembro, passando a chamar-se Senhor do Bonfim, assim como a Sede Municipal. Beneficiado por sua situação geográfica, rota quase obrigatória entre o litoral do Estado e a região do São Francisco, e historicamente vinculado ao processo de povoamento da zona do sertão baiano, o Município desenvolveu-se como importante entreposto comercial e entroncamento viário para as regiões de Jacobina e Juazeiro, catalisando um grande número de empreendimentos e atraindo novos moradores para o local. Senhor do Bonfim consolidou-se como principal centro da Região, polarizando outros menores, como Campo Formoso, Jaguarari, Pindobaçu, Itiúba, Antônio Gonçalves, Andorinha, Ponto Novo, Umburana e Filadélfia. (Ibid)

Durante o período inicial de formação da sua base econômica, o Município teve na criação de gado a sua principal atividade, ganhando espaço, ao longo dos anos, as culturas temporárias de feijão, milho, mandioca e mamona, além do cultivo de sisal e o extrativismo do ouricuri. Ao lado destas atividades, expandiu-se o comércio, e unidades beneficiadoras de sisal, mamona, ouricuri e leite estabeleceram-se no local nos anos 70, promovendo efeitos significativos na economia municipal, que progrediu continuamente. (Ibid)

Na década subsequente, o declínio das culturas de sisal, mamona e ouricuri (pela sua substituição por produtos e fibras sintéticas) provocou o fechamento e a migração de indústrias, mas a intensificação da atividade pecuária e a criação de uma bacia leiteira na Região minimizaram os impactos do desaquecimento da agricultura sobre a economia, tendo em vista o montante de investimentos realizados no setor de pecuária. Com isso, gerou-se uma dependência quase absoluta da atividade, que apesar dos reflexos positivos sobre outros setores revelava-se extremamente danosa em épocas de crise. (Ibid)

Em acréscimo, os problemas de origem hídrica encontrados na região de Senhor do Bonfim limitam o aproveitamento das grandes faixas de terras propícias às pastagens e com boa fertilidade para os cultivos agrícolas. De fato, desde o início da década de 90, a estiagem prolongada vem causando a redução dos rebanhos e a

quebra de safras, que repercutem sobre as atividades secundárias e terciárias e configuram um quadro extremamente negativo para a população do Município.

Desta forma, a história recente de Senhor do Bonfim está marcada pela involução das atividades econômicas e pela dificuldade de superação da crise, por conta das deficiências hídricas e da falta de planejamento do setor primário para a redução dos efeitos das constantes secas que atingem a Região e impedem o desenvolvimento do Município nos níveis verificados nas décadas anteriores. (Ibid)

#### b) Localização do Município

O Município de Senhor do Bonfim é sede da Microregião Homogenea 008 e da 208ª Região Administrativa do Estado da Bahia, da qual fazem parte, também, Campo Formoso, Jaguarari, Andorinha, Antônio Gonçalves, Pindobaçú, Ponto Novo, Filadélfia, Itiúba e Umburana. Integra ainda a Região de Planejamento Nordeste (004) e a Região Econômica do Piemonte da Diamantina (010). (Ibid)

O Município é formado pelos distritos de Igana, Tijuaçú e Carrapichel, além da sede, e por um grande número de localidades tais como Quicé, Missão do Sahy, Estiva, Baraúna, Varzinha, Tanquinho, Socotó, Itapicuru, Passagem Velha, Lagoa Grande, Lagoa do Peixe, Caatinguinha, Barro, Capote e Canavieira. (Ibid)

O Município está situado em zona de transição climática, caracterizada pelos tipos semiárido, na sua parte leste, e seco a subúmido na área oeste, onde é atravessado pela serra da Jacobina. A temperatura média anual é de 23, 3º C, oscilando entre a máxima de 28,3ºC e a mínima de 19,2º C. A totalidade do território municipal está inserida no Polígono das Secas e o nível de precipitação pluviométrica é baixo, com média de 550 mm ao ano. O período chuvoso vai de novembro a março.

As condições climáticas do município de Senhor do Bonfim influenciam diretamente as características da vegetação. Assim, juntamente com a Caatinga arbórea aberta das áreas mais baixas de clima semiárido, aparece a floresta estacional nas zonas serranas de clima subúmido, com grande variedade de espécies vegetais como o cedro, o vinhático, a sucupira, a baraúna e a maçaranduba, além de árvores frutíferas. Com a expansão das áreas de pastagens e das terras cultivadas, a cobertura vegetal vem sendo seriamente atingida, sem o devido acompanhamento dos órgãos competentes. Considerando-se a importância

da cobertura vegetal para a preservação de nascentes de rios, medidas de caráter urgente devem ser tomadas no sentido de impedir o agravamento do quadro. (Ibid)

O Município é banhado pela bacia do Itapicuru, e seus principais rios são o Itapicuru Mirim, o do Prata, o Jaguarari, o Tamanduá e o Coité, todos estes com curso intermitente. Em face às limitações hídricas da Região, o aproveitamento dos recursos é feito através de açudes, como o Sohén, o Bela Vista e o Quicé, e barragens de nível, como as do rio da Prata e do rio Aipim. (Ibid)

Senhor do Bonfim é um forte polo comercial e de serviços, com grande diversidade em vários segmentos. O potencial econômico, segundo o Índice de Potencial de Consumo (IPC), levantado pela Target Marketing, é da ordem de R\$527 milhões anuais. (Ibid)

Na pecuária, destacam-se os rebanhos de bovinos, caprinos, suínos e ovinos, sendo que o município é hoje referência em genética na Capri ovinocultura. Já o setor de bens minerais produz um grande volume de cobre, manganês e volfrâmio. (Ibid)

### 3.1 TURISMO NA CIDADE DO SENHOR DO BONFIM-BA

A microrregião de Senhor Bonfim apresenta preciosidades naturais, como rios, cachoeiras, grutas, morros e diversas formações rochosas interessantes. Para visitar quase todas as atrações é preciso encarar caminhadas por trilhas.

#### a) Atrativos Naturais

O turismo ecológico é uma das atividades emergentes do município. A Reserva do Grunga, com suas nascentes bem preservadas, ganha destaque. A vegetação mistura espécie da caatinga com flores serranas, principalmente variadas orquídeas, bromélias e sempre vivas. Para visitar quase todas as atrações é preciso encarar caminhadas por trilhas. Destacam-se aprazíveis cachoeiras, onde os visitantes podem se deliciar com águas mornas e verificar a deslumbrante paisagem.

## b) Atrativos Culturais

A região possui grande riqueza cultural, com destaque para o artesanato, samba-de-lata, folclore, manifestações populares como a corrida de argolinha, quadrilhas, terno de reis, desfile de carroça, roda do Palmeira, dentre outras. Os distritos são marcados pela forte religiosidade, festas dos padroeiros e antecedentes indígenas e escravos.

## c) A feira livre

A feira livre de Senhor do Bonfim é a segunda maior do Nordeste em extensão, com cerca de 1,2 Km. Tem seu ponto forte as sextas e sábados, ocupando três praças localizadas na área central do comércio. Nela se encontra de tudo: arroz, feijão, farinha, milho, tapioca, doces, queijo e requeijão, rapadura, frutas, carnes, verduras e legumes. Há, também, móveis, roupas, calçados, artefatos de couro, palha e cipó, cerâmica, plantas e ervas medicinais, animais e até eletrodomésticos. Na feira de Bonfim já passaram pessoas famosas, desde Lampião até Luiz Gonzaga.

## d) Culinária regional

Cuscuz, mungunzá, canjica, rapadura, umbuzada, licor de jenipapo elementos marcantes da cultura sertaneja.

## e) São João

Senhor do Bonfim é considerada a capital baiana do forró. Seu São João é uma festa mais que centenária e conhecida nos quatro cantos do país. O evento junino está entre os maiores da Bahia, é muito conhecido por sua tradição cultural de seu povo.

As noites juninas são animadas por grandes atrações e inúmeros grupos de forró e desfiles de 'quadrilhas', que seguindo a tradição portuguesa consiste em pares que executam várias evoluções, sempre ao ritmo do melhor forró pé de serra. A festa em Senhor do Bonfim transcorre todo o mês de junho. Várias ruas são decoradas com motivos juninos e nordestinos, sempre é evocada e homenageada a figura de Luiz Gonzaga.

Durante os festejos de junho, a Cidade de Senhor do Bonfim recebe cerca de 80 mil visitantes. Nesses dias é possível conhecer o melhor da culinária nordestina, como o bode assado, a buchada, o sarapatel, o feijão de torresmo, a legítima carne do sol do sertão, o feijão verde, o andú, a canjica, a pamonha, os mingaus variados, o baião de dois, enfim tudo de melhor nos petiscos do sertão. A variedade de licores caseiros é abundante, podendo se provar o jenipapo, maracujá, laranja, gengibre ou passas.

#### g) Missão do Sahy e o artesanato de cipó

Distante 10 quilômetros de Senhor do Bonfim, o distrito Missão do Sahy provém de remanescentes indígenas. Tem o núcleo comunitário denominado “aldeia” ou tribo pode concentra-se em torno de 10 famílias, todos são parentes e têm como principal fonte de renda o artesanato de cipó. O trabalho é passado de geração a geração. São confeccionados inúmeros objetos como: caçoas, cestos, bicicletas e burricos decorativos, luminárias e móveis, banquinhos entre outros. Os produtos são comercializados nas feiras da região, na feira de Missão do Sahy e em feiras artesanais.

No Monte Tabor, localizado no distrito, ainda podem ser encontradas ruínas das edificações realizadas pelos franciscanos, principalmente de uma capela no topo da elevação.

#### h) Remanescente de quilombo em Tijuaçu

No distrito de Senhor do Bonfim, o Território Quilombola de Tijuaçu, com 828 famílias, é o maior em número o de remanescentes de quilombo na Bahia.

A oralidade e as tradições, como o samba de lata, são pontos fortes das comunidades que compõem o território de Tijuaçu. Muitas histórias e costumes foram passadas entre gerações.

#### e) Engenho secular de Mulungu

Localizado no distrito de Carrapichel, pode-se conhecer todo processo de preparo de rapadura e do mel da cana. Tem sido uma das fontes de renda para alguns pequenos agricultores de Mulungu. Toda produção é artesanal. A comercialização é feita na feira livre do município de Senhor do Bonfim.

### 3.1.1 Infraestrutura

Com relação a Infraestrutura, de acordo com a prefeitura Senhor do Bonfim 2016 possui os seguintes itens listados na tabela abaixo:

Tabela 2

Agências bancárias	Banco do Brasil, Caixa, Banco Bradesco, Siccob e Banco do Nordeste. Além de caixas eletrônicos e Banco 24 horas
Telefonia Móvel	Vivo, Tim, Claro, Oi
Segurança	6º Batalhão da PM, Corpo de Bombeiro
Saúde	Hospital Regional, Samu, Hemocentro e 10 Clínicas
Emissoras de rádio	Duas (FM e AM)

Fonte: Prefeitura de Senhor do Bonfim  
Elaboração: Autoras. 2016

### 3.1.2 Estrutura

De acordo com a prefeitura de Senhor do Bonfim, a estrutura dos serviços são os listados abaixo:

Tabela 3

Meios de Hospedagem	10 Hotéis, 11 Pousadas e 5 Motéis
Alimentação	25 Restaurante, 55 Lanchonetes e 5 Sorveterias
Clubes Recreativos	07
Comércio	1,8 mil estabelecimentos

Fonte: Prefeitura de Senhor do Bonfim  
Elaboração: Autoras. 2016

## **4 FEIRAS REGIONAIS DO UMBU EM SENHOR DO BONFIM-BA**

### **4.1 Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Senhor do Bonfim**

O Sindicato foi fundado em 22 de fevereiro de 1981. Tendo como um dos seus objetivos despertar a consciência política e organizacional dos trabalhadores e das trabalhadoras na conquista dos direitos e acesso as políticas públicas, do acesso à terra, água, moradia, educação, saúde, energia, credito subsidiados fim na garantia do direito à vida e sustentabilidade no campo, na conquista da soberania alimentar com aliança e respeito pelas organizações existente na região e pelo projeto popular de transformação da agricultura familiar. Sendo que sua missão é garantir a permanência do homem da mulher no campo com sustentabilidade. Assumindo o desafio de defender e organizar o campesinato, na esperança de melhoria na qualidade de vida no campo de forma saudável e em sintonia com o meio ambiente.

Ao longo dos seus 33 anos de existência, o sindicato dos trabalhadores Rurais de Senhor do Bonfim, vêm desempenhando ação importante ao lado de outras entidades parceiras como: Igrejas, Associações, Cooperativas dentre outras.

Tendo como uma de suas ações desenvolvidas a Feira Regional do Umbu. O Sindicato organiza a feira há cinco anos. Sendo o ano de 2009 o início com uma Amostra. Seus parceiros para sua realização são CAFTPINE e a FETRAF.

#### **4.1.2 Feira Regional do Umbu**

O umbu na região do Senhor do Bonfim representa uma importante fonte de renda para os agricultores da agricultura familiar. E com sua crescente produção e comercialização o Sindicato dos Trabalhadores Rurais da região promovem a realização da Feira do Umbu, tendo como objetivo a promoção à valorização e afirmação do campesinato do município, o intercambio da diversidade de produtos do umbu e a socialização de experiências. Não tem uma data fixa para ocorrer, pois

depende da safra, pode ocorrer entre os meses de Janeiro e Março. Tendo como exigências em participar das feiras; ser agricultor familiar que participem de associações de comunidades e que desenvolva derivados ou que tenha o fruto na sua propriedade.

Todos os distritos e povoados participam da Feira Regional do Umbu. Ou seja toda a região da Caatinga do Município.

O Calçadão de Senhor do Bonfim no período das Feiras do Umbu na região se transforma em uma grande vitrine de visualização do fruto nativo da caatinga. Com sua cor esverdeada na transformação dos mais diversos produtos. Tais como; doces, suco, sorvetes, geleias, bolos, licor, balas, umbuzada dentre outros.

A Feira Regional do Umbu teve início em 2009 com dez grupos de agricultores como uma pequena amostra. Com o sucesso do evento foi realizado no ano seguinte. E assim sucessivamente. E no quinto ano de evento em 2016 já participam mais de sessenta grupos de agricultores da Agricultura Familiar da região e uma variedades de produtos derivados do fruto. Visto que em 2013 não houve a Feira do Umbu devido à grande seca na região.

Abaixo algumas fotos do evento:

Figura 5, 6 e 7, Feira do Umbu.



Fonte: Bamberg

## 5 PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1 Procedimentos e análise dos dados coletados

As pesquisas de campo foram realizadas através da aplicação de dois questionários compostos de perguntas abertas. A estratégia de aplicação do primeiro foi através do envio para o responsável pela realização da Feira. Com vinte (20) perguntas. O segundo foi aplicado na zona rural nos povoados de Umburanas e Igara com dez perguntas (10) para os representantes das Associações. Foi realizada também uma visita a secretaria de Turismo da região para aplicação de um terceiro questionário.

O primeiro questionário enviado para a organizadora da Feira regional do Umbu em Senhor do Bonfim-Ba teve como **a primeira pergunta**; Como surgiu a Feira Regional do Umbu na região?

Segundo a organizadora, a feira surgiu depois do levantamento da produção do fruto no município através dos grupos produtivos que já comercializavam para PAA e PNAE e Associações.

**A segunda pergunta**; porque a fruta umbu? O que ela tem de especial?

Porque a fruta é rica em vitamina C e deliciosos com seus derivados.

De acordo com Orlando (2005, p.62) é uma fruta saborosa e nutritiva, rica em minerais, amido e Vitamina C. Representa uma das principais fontes de vitamina C de que dispõe a população da zona semiárida nordestina. Em 100 g da polpa, encontram-se 44 calorias, 33,3 mg de ácido ascórbico, 20 mg de Ca, 2 mg De Fe, 14 mg de P, 0,6 g de proteína, 30 mg de vitamina A, 0,04 mg de Vitamina B1, 0,04 mg de vitamina B2 e 33 mg de vitamina C (Almeida & Valsechi, 1966). Em média, os sólidos solúveis totais, medido em °Brix, é De 11,6.

**Terceira pergunta;** Qual a feira que marcou na sua opinião e porquê?

Todas as feiras marcaram muito. Mas a primeira foi interessante porque as pessoas das áreas urbanas não tinham conhecimento do tamanho da potencialidade dos derivados.

A industrialização do fruto, nas formas de doce, geleia, compotas, Concentrado para sorvete, polpa, suco e passas, pode garantir uma maior Expansão dessa cultura (Mendes, 1990). O sabor agridoce e a excelente Característica de aroma são fatores fundamentais para a industrialização da polpa e para compor misturas de sucos tropicais, objetivando a expansão do mercado interno e abertura do mercado externo, o que minimizaria grandes perdas durante as safras e incentivaria a intensificação do cultivo comercial. (Orlando, 2005, p.82).

**Quarta pergunta;** Quem são os organizadores do Evento?

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Senhor do Bonfim.

**Quinta pergunta;** Quem são seus parceiros nesse Evento?

CAFTPINE – Central das Associações da Agricultura Familiar do Território Piemont Norte do Itapicuru, FETRAF- Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar.

**Sexta pergunta;** Quantos produtores rurais participam do evento?

Direto 120 grupos e indiretos 2000 pessoas.

**Sétima pergunta;** Quais as exigências para participar?

Tem que ser agricultor familiar que participem de associações da comunidade e que desenvolvam derivados ou que tenham o fruto na sua propriedade.

**Oitava pergunta;** Qual a contribuição do Sindicato (SINTRAF) aos trabalhadores da agricultura familiar na produção e comercialização do umbu?

Nas articulações para comercialização, construção de projeto para venda a nível estadual ou federal e a organização das comunidade através de se trabalhar com grupos produtivos.

**Nona pergunta;** Qual a quantidade de fazendas, roças produtoras do umbu aqui na região?

Em Senhor do Bonfim em média 400 propriedades.

**Décima-primeira pergunta;** Qual o melhor umbu da região? O que ele tem de diferente.

Temos o umbu normal e o umbu cajá. Mas o umbu normal é o que tem maior produção.

**Décima-segunda pergunta;** Existe algum tipo de fiscalização na produção dos derivados do umbu. Exemplo; geleias, doces etc. Para sua comercialização?

Sim pela vigilância sanitária do Município e do Estado, porque esse espaço de processamento são os mesmos usados para outras políticas públicas de comercialização.

**Décima-terceira pergunta;** Atualmente como estar o cultivo do umbu na região? Existem técnicas de manejo de auxílio aos agricultores?

Umbu é uma planta nativa que devido a sua potencialidade já estar sendo plantada, mais por ser uma planta nativa elas nascem e crescem sem técnica de manejo.

**Décima- quarta pergunta;** E assistência técnica de viabilidade econômica, linhas de crédito para investimento?

Os agentes financiadores não liberam recursos para o plantio, mais liberam para a produção dos derivados até a comercialização.

**Décima-quinta pergunta;** Tem áreas de preservação demarcadas com relação ao bioma caatinga na região?

Sim, pois são áreas que tem acompanhamento da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).

**Décima-sexta pergunta;** Como vocês estão se posicionando/resolvendo as limitações hídricas da região?

Nas políticas de Assistência Técnica e Extensão Rural, que já descreve as áreas, matas ciliares e reservas.

**Décima- sétima pergunta;** Os derivados do umbu são vendidos o ano inteiro ou só nas feiras? E onde encontra-los depois da Feira Regional?

Vende no período da feira e durante seu período de produção do fruto que começa em dezembro, janeiro e fevereiro e muitos grupos conservam essas polpas para vender durante o ano.

**Décima- oitava pergunta;** Falam da extinção dos umbuzeiros. Está acontecendo na região do Senhor do Bonfim? Porque.

O agronegócio é quem mais prejudica, as vezes, desmatam para a produção de capim para a criação de bovinocultura, mais as propriedades dos agricultores da Agricultura familiar eles são conservados e plantados.

**Décima- nona pergunta;** Quais os distritos, povoados da região, cultivam a produção do umbu? E quais participam da Feira Regional?

Toda a região de caatinga do Município.

**Vigésima pergunta;** Como os agricultores reagem com a realização da Feira Regional do Umbu?

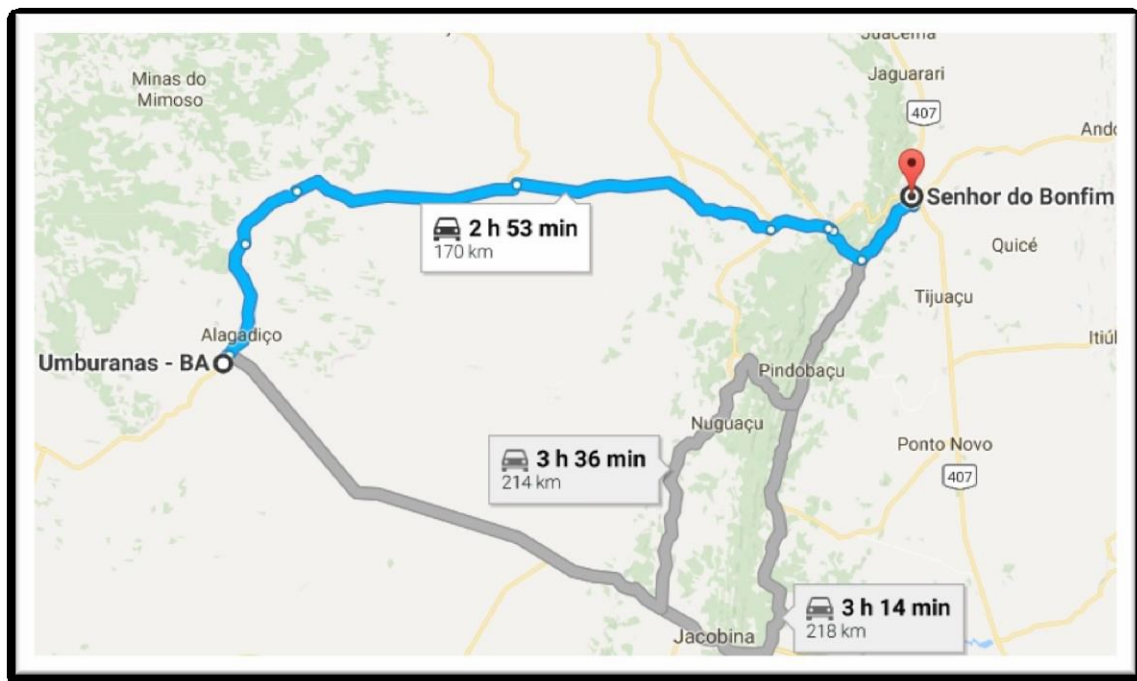
Otimistas, participativos pelo valor que o fruto tem no campo e na cidade.

**Vigésima-primeira;** Na sua opinião o que falta para a Feira do Umbu se transformar em um Festival como ocorre em Uauá?

Precisamos de investimentos através do Estado ou do governo federal para um centro de comercialização tanto desses produtos como de outros que na região tem potencialidades em termos de frutas.

## POVOADO DE UMBURANAS

Figura 8, mapa de Umburanas.



Fonte: Google Maps 2016

O segundo questionário foi aplicado de forma presencial no povoado de Umburanas. A totalidade de seu território estar inserido na área do polígono das secas. As plantas que sobrevivem na região é o mandacaru, barriguda, juazeiro, imburana, aroeira, umbuzeiro e outras. A coleta de dados sobre a produção e comercialização do produto umbu foi obtida através da aplicação de um questionário com vinte perguntas. Foram distribuídos um questionário para o Grupo Produtivo Solidário de Mulheres em Ação. O grupo tem dois anos de formado. Na qual a diretoria composta por três representantes. Todas mulheres. Elas responderam às perguntas em conjunto. O grupo é representado por 20 famílias rurais. A associação

tem uma cozinha coletiva para a produção dos derivados do umbu, uma loja e um salão para as reuniões e cursos.

Perguntas;

**1- Nome do grupo produtivo ?**

Grupo Produtivo Mulheres em ação

**2- O que o umbu representa para vocês?**

Riqueza do nosso lugar.

**3- Qual foi a melhor safra? E a pior?**

A melhor de 2015. A pior de 2013.

**4- Recebe algum tipo de ajuda na produção?**

No momento estar suspenso.

**5- Além do umbu, o que se planta na região de Umburana?**

Mandioca, milho, feijão, andu e melancia. Com relação a mandioca. Fazemos biscoitos, beiju, bolo de aipim por encomenda para merenda escolar Conab.

**6- Participam de alguma outra feira para expor os seus produtos, além da Feira do umbu?**

Sim. Da Economia solidária, Agricultura Familiar

**7- Qual o grau de escolaridade das famílias do povoado?**

A maioria tem ensino médio completo.

**8- O que o SINTRAF representa para vocês?**

Caminho da desburocratização. Mediador. Incentiva a comercialização dos produtos.

**9- Quais as maiores dificuldades com relação a produção do umbu?**

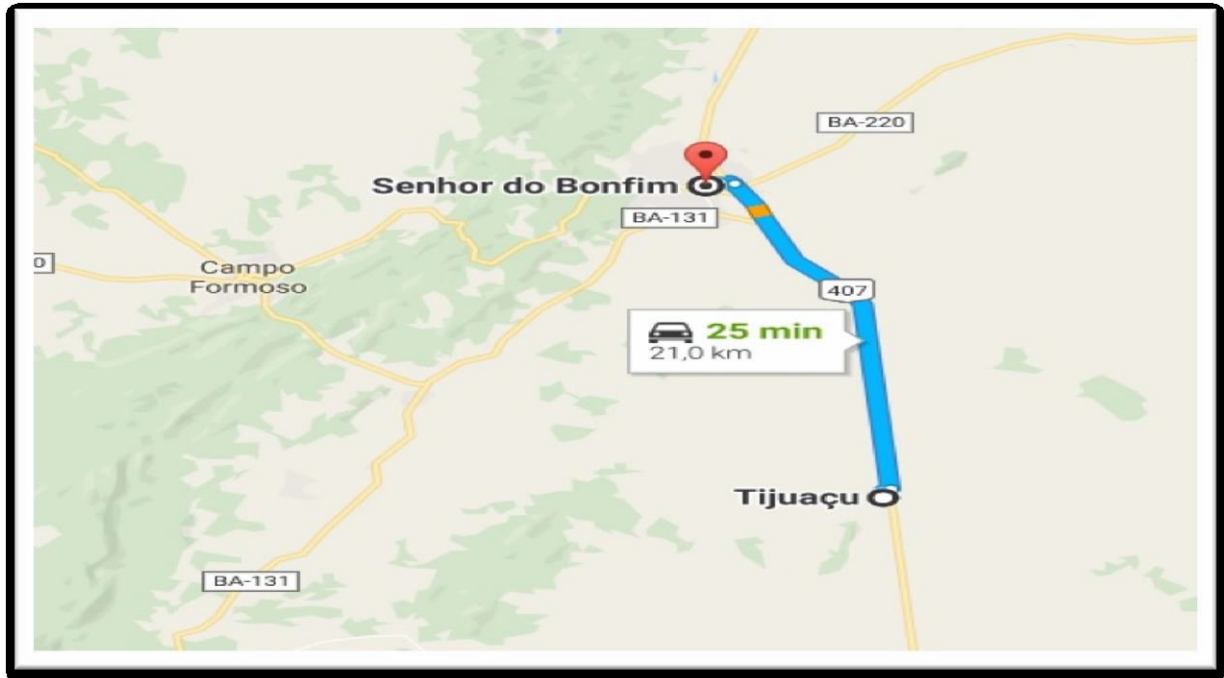
O armazenamento do fruto in natura.

**10 – Vocês produzem os derivados do umbu?**

Sim. Doces, sorvetes, bolos geleias, umbuzadas, sucos e outros.

## POVOADO DE CAZUMBA

Figura: 9, mapa de Cazumba



Fonte: Google Maps 2016

O segundo povoado na qual aplicamos o questionário se chama Cazumba.

### Pioneiros

José Carlos Cardoso, carpinteiro de ofício, filho de Carlos Cardoso de Barros e Thereza Maria de Jesus, casou-se em 1910, com Maria Virgínia de Jesus, natural da Missão do Sahy, indo morar na fazenda Serraria e tornando-se desta o pioneiro. O nome, segundo a gente do lugar estaria relacionado à profissão do seu primeiro morador. Com o passar do tempo a antiga fazenda Serraria desdobrou-se em três: Serraria do Carlos, Serraria do Bento da Passagem Velha e Serraria de Joaquim Timóteo. Anos mais tarde as três voltariam a se fundir, resultando no que é hoje a comunidade do Cazumba.

O nome Cazumba, de fato, surgiu muito tempo depois. Para dona Rosa Maria Carlos, de 90 anos, filha dos primeiros desbravadores do lugar, o topônimo se deveu

ao fato das pessoas associarem a fazenda Serraria a uma outra fazenda, mais adiante, denominada Cazumba, hoje batizada por Sanharó. Já para Nelson Neves, de 70 anos, sobrinho do carpinteiro, o nome Cazumba tem a ver com uma carcaça de animal, provavelmente de gado *vacum*, que ficava na beira da estrada, próximo à fazenda Serraria.

Perguntas;

**1- Nome do grupo produtivo ?**

União com a natureza. Composta com nove mulheres. Dez anos de fundada.

**2- O que o umbu representa para vocês?**

Sobrevivência

**3- Qual foi a melhor safra? E a pior?**

Compra garantida. Atualmente estamos trabalhando com o plantio da mandioca. Dispensando a colheita do umbu. Há uma grande demanda de mandioca para o PAA.

**5- Além do umbu, o que se planta na região de Cazumba?**

Feijão, milho, mandioca, cajá-umbu, goiaba, laranja e tangerina.

**6- Participam de alguma outra feira para expor os seus produtos, além da Feira do umbu?**

Sim. A Feira da Agricultura Familiar.

**7- Qual o grau de escolaridade das famílias do povoado?**

Do povoado entre 4ª série primária e segundo grau.

**8- O que o SINTRAF representa para vocês?**

Conhecimento.

Obs: Não foi respondido as questões 4, 9 e 10.

OBS;

A comunidade além de terem pés de umbuzeiros não se preocupam com seu plantio ou colheita, visto que eles trabalham com compras garantidas. Dispensando

assim o umbu. E na comunidade o que mais produzem é o cajá- umbu. Os umbuzeiros é mais para o consumo familiar.

## 5.2 PROPOSTAS PARA IMPLANTAÇÃO DA ROTA TURÍSTICA EM SENHOR DO BONFIM-BA.

O diagnóstico para implantação da Rota Turística do umbu em Senhor do Bonfim-Ba apresenta um grande potencial para o desenvolvimento da região. A realidade do município atual terá que ser modificada. E para que esta mudança aconteça é necessário um trabalho de sensibilização da população local ou seja; do setor público municipal, dos empresários, dos agricultores e entidades sociais para o desenvolvimento do turismo na região, gerando assim renda para comunidade sem ter a necessidade de grandes investimentos. Listamos algumas medidas;

1. Orientação, cursos de capacitação para o receptivo turístico
2. Sensibilizar a comunidade para o potencial dos atrativos turísticos da região
3. A Rota Turística será definida de acordo com o interesse dos proprietários de engenhos, fazendas e roças em participar do projeto. Por exemplo; Os Engenhos que produzem a rapadura ainda de forma artesanal, no caso em Mulungu. E também com relação aos agricultores da agricultura familiar que cultivam a produção do umbu e fabricam seus derivados, como doces, geleias, suco, umbuzadas, sorvetes, polpas dentre outros em Umburanas.
4. Para os proprietários que desenvolvem a agricultura orgânica, a participação na rota será bastante interessante com um passeio (caminhada a pé, com charrete, a cavalos ou com veículo) pela propriedade, evidenciando a preservação do meio ambiente com seu paisagismo exótico e diferente. A rota teria início com um café da manhã no próprio Hotel com apresentação cultural e comidas típicas. Em seguida, o grupo iria de ônibus até o povoado de Umburanas. Comunidade formada por agricultores familiares e que participam da Feira do Umbu. Nesta rota até a comunidade o ônibus faria um *city tur* pela cidade. Ao chegarmos na comunidade



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o presente momento, na cidade de Senhor de Bonfim, não existe pesquisa sobre o fruto umbu ou rota turística do umbu. Considerando que este é um trabalho de graduação o número de informações do produto umbu na região é muito escassa.

Este estudo teve como meta avaliar a viabilidade da implantação de uma rota turística do umbu no município do Senhor do Bonfim-Ba. E de que forma a Feira Regional do Umbu poderá contribuir para o desenvolvimento do município estudado. E demonstrar que por meio da atividade turística a comunidade local poderá se beneficiar através da rota implantada.

Verificou-se que no espaço agrário de Umburanas a prática da atividade turística irá agregar valores, visto que o visitante poderá compartilhar, vivenciar o modo de vida das pessoas do povoado, sua história, sua cultura e seus valores.

Os atrativos na região como a beleza do ambiente natural, as construções arquitetônicas (como o casario em estilo colonial e prédios históricos), seus atrativos culturais, culinária local, tendo a Feira Regional do Umbu como principal atração com a variedade de derivados da fruta.

O trajeto da rota irá propiciar o desenvolvimento dos locais visitados além de dinamizar e otimizar a região. Além de ampliar a oferta turística, a inclusão social do pequeno agricultor rural, aumento da geração de renda, fortalecimento da cultura local e o manejo consciente e para a sobrevivência dos umbuzeiros no município.

Pela potencialidade verificada na região é possível e viável a implantação da rota turística no município de Senhor do Bonfim-Ba. Mas para isso é necessário o envolvimento de toda a sociedade bonfinense. Juntamente com o poder público, empresários, entidades sociais, participando de todo processo de implantação. Criando assim uma consciência de pertencimento do patrimônio ambiental, cultural, artístico e paisagístico da região.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Joaquim Anécio. **Turismo Rural ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru- São Paulo: EDUSC, 2000.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo Fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 2011.

Ache tudo região. **Região**. Disponível em: <[www.achetudoregiao.com.br](http://www.achetudoregiao.com.br)>. Acesso em: 18/08/2016

BITTENCOURT, Blenda D; DOMICIANO, Carlos S; BORGES, Polyana F.; LINS, Flávia G. **Análise do Potencial Turístico Rural em Silvânia/ GO: Estudo da Viabilidade da Implantação de Uma Rota Turística Rural**. In: **VII CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL**. 2010.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo e o mercado**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL, **MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE**. Disponível: <[www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)>. Acesso em: 16 de março de 2016.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Introdução à Regionalização do Turismo**. – Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Dicionários das plantas uteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. IBDF, 1978. vg. p.336.

Caatinga cerrado. **Caatinga**. Disponível em: <<http://www.caatingacerrado.com.br/os-biomas-caatinga-cerrado/>>. Acesso em 18/08/2016.

Cerratinga. **Caatinga**. Disponível em: <<http://www.cerratinga.org.br/caatinga/>>. Acesso em 18/08/2016.

CORRÊA, M, P. **Umbuzeiro**. In:pio corrêa.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

- DUQUE, José Guimarães. **BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. O Nordeste e as lavouras xerófilas**. 4.ed Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004
- DUQUE, J. C. Umbuzeiro. In\_\_\_\_\_. **O Nordeste e as Lavouras Xerófila: Escala de Agricultura do Mossoró**. Fundação Guimarães Duque. Mossoro. 1980. P.282-288.
- FARIAS, Sara Oliveira. **História Regional e Local II**. Salvador: EDUNEB, 2012.
- IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MACHADO, Paulo Batista. **Cartilha histórica sobre as origens de Senhor do Bonfim**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 1993.
- MACHADO, Paulo. **Elementos Históricos, geográficos, Econômicos e Culturais de Senhor do Bonfim**. Disponível em: <<https://blogpaulomachado.wordpress.com/2010/09/05/elementos-historicos-geograficos-economicos-e-culturais-sebrae/>>. Acesso em: 15 de Maio 2016.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001
- PANOSSO NETTO, Alexandre. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- PETROCCHI, M (1998). **Turismo, Planejamento e Gestão**. São Paulo. Ano 2002. Ed. Futura.
- RIBEIRO, Manuel do Bomfim Dias. **A Potencialidade do Semiárido Brasileiro**. Brasília, 2007.
- SILVA, Glaubécia Teixeira da. **Roteiro Turístico**. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010.
- Toda matéria. **Matéria**. Disponível: <<https://www.todamateria.com.br/historia-e-origem-das-feiras/>>. Acesso em: 18/08/2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA

CAMPUS I –SALVADOR-BA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE TURISMO E HOTELARIA

ALUNAS; TELMA REGINA DIAS DE SOUZA E RAIANE CARVALHO VIVAS SAMPAIO.

NOME DO ENTREVISTADO – ANA CRISTINA - ORGANIZADORA DO EVENTO

(UMBU – ÁRVORE QUE DA DE BEBER)

DATA- / /2016

QUESTIONÁRIO;

PRIMEIRO BLOCO – O EVENTO – A FEIRA REGIONAL DO UMBU

- 1- COMO SURTIU A FEIRA REGIONAL DO UMBU EM SENHOR DO BONFIM-BA?
- 2- PORQUE A FRUTA UMBU? O QUE ELA TEM DE ESPECIAL?
- 3- QUAL FOI A FEIRA QUE MARCOU NA SUA OPINIAO E PORQUE?
- 4- QUEM SÃO OS ORGANIZADORES DO EVENTO?
- 5- QUEM SÃO SEUS PARCEIROS NESTE EVENTO?
- 6- QUANTOS PRODUTORES RURAIS PARTICIPAM DO EVENTO?
- 7- QUAIS AS EXIGÊNCIAS PARA PARTICIPAR?
- 8- QUAL A CONTRIBUIÇÃO DO SINDICATO (SINTRAF) AOS TRABALHADORES DA AGRICULTURA FAMILIAR NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO UM UMBU?

SEGUNDO BLOCO – DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA FRUTA – UMBU

- 1- QUAL A QUANTIDADE DE FAZENDAS, ROÇAS PRODUTORAS DO UMBU AQUI NA REGIÃO?
  
- 2- QUAL O MELHOR UMBU DA REGIÃO? O QUE ELE TEM DE DIFERENTE;

- 3- EXISTE ALGUM TIPO DE FISCALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO DOS DERIVADOS DO UMBU. EX; GELEIAS, DOCES ETC. PARA A SUA COMERCIALIZAÇÃO?
- 4- (ATUALMENTE COMO ESTAR O CULTIVO DO UMBU NA REGIÃO? EXISTEM TÉCNICAS DE MANEJO DE AUXILIO AOS AGRICULTORES?
- 5- E ASSISTENCIA ÉCNICA DE VIABILIDADE ECONOMICA, LINHAS DE CRÉDITO PARA INVESTIMENTO?
- 6- TEM ÁREAS DE PRESERVAÇÃO DEMARCADAS COM RELAÇÃO AO BIOMA CAATINGA NA REGIÃO?
- 7- COMO VOCÊS ESTÃO SE POSICIONADO/RESOLVENDO AS LIMITAÇÕES HÍDRICAS DA REGIÃO?
- 8- OS DERIVADOS DO UMBU SÃO VENDIDOS O ANO INTEIRO OU SÓ NAS FEIRAS? E ONDE ENCONTRA-LOS DEPOIS DA FEIRA REGIONAL?
- 9- FALAM DA EXTINÇÃO DOS UMBUZEIROS. ESTAR ACONTECENDO NA REGIÃO DO SENHOR DO BONFIM? PORQUE.
- 10- QUAIS OS DISTRITOS, POVOADOS DA REGIÃO CULTIVAM A PRODUÇÃO DO UMBU? E QUAIS PARTICIPAM DA FEIRA REGIONAL?
- 11- COMO OS AGRICULTORES REAGEM COM A REALIZAÇÃO DA FEIRA REGIONAL DO UMBU?
- 12- QUAL SUA OPINIÃO O QUE FALTA PARA A FEIRA DO UMBU SE TRANSFORMAR EM UM FESTIVAL? COMO OCORRE EM UAUÁ?

Formulário de observação em Senhor do Bonfim-Ba

Identificação da cidade	
Localização:	
Distancia:	
Vias de acesso:	
Histórico	
Atrativos:	
Recursos naturais:	
Vegetação predominante:	

Hidrografia:	
Identificação dos serviços e equipamentos:	
Pavimentação:	
Saneamento básico (água, rede de esgoto):	
Iluminação, coleta de lixo e transporte urbano:	
Segurança:	
Hospital ou Posto de saúde:	
Bancos:	

TRABALHO DE CAMPO – CIDADE DO SENHOR DO BONFIM -BA

DATA-

## Questionário Zona rural

Nome do povoado	
Distancia da cidade	
Vias de acesso	
Transporte	
Nome da roça ou fazenda	
Nome do proprietário	
Número de familiares	
Informações da produção.	
O que o umbu representa para você	
Quantidade de pessoas na produção?	
Qual foi a melhor safra e porquê?	
Qual foi a pior e porquê?	
Recebe algum tipo de ajuda na produção	

Quantos anos está nessa área de produção? Além do umbu. O que o senhor planta?	
Qual seu grau de escolaridade. E de seus familiares?	
Participa de alguma feira para expor os seus produtos? Além da Feira Regional do Umbu?	
Tem interesse na possibilidade de implementação de uma visita turística?	

Tem interesse de ser orientado de alguns procedimentos na recepção desses visitantes?	
O que o SINTRAF representa para o senhor?	
Quais as maiores dificuldades na produção do umbu?	
Vocês produzem os derivados do umbu? Como doces, geleias, sucos etc.	

Vocês têm criação de cabra e bode?

Vocês apoio técnico e financeiro para produção e comercialização?

Renda média com a produção do umbu?

Renda média sem a produção do umbu?